

## TRIBULAT BONHOMET: LÚCIFER VILLIERIANO

Norma DOMINGOS

Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP  
normad@assis.unesp.br

**RESUMO:** O autor de *Tribulat Bonhomet*, Villiers de l'Isle-Adam (1838-1889), abomina o burguês cujos valores repousam sobre o lucro e o progresso. É a partir de *Claire Lenoir*, uma das novelas da coletânea, que podemos entender o conflito que atravessa toda sua obra. Tribulat Bonhomet, homem de ciência e arauto do *Bon Sens*, depara-se frente ao desconhecido: sarcasticamente, vemos, de um lado, o saber positivista, que se limita à superfície das coisas e, de outro, o conhecimento autêntico, de que as investigações e cálculos estreitos da ciência de tempos pretensamente iluminados não conseguem dar conta. Este estudo quer investigar a essência dessa personagem, reconhecida por inúmeros críticos da obra villieriana como arquétipo supremo do burguês. Bonhomet apresenta-se, de fato, como materialista, adepto do progresso científico e se opõe às crenças mágicas proferidas pelo Doutor Lenoir, mas não seria ele uma personagem luciferiana, um transgressor da realidade? Qual o papel do mito nessa enigmática narrativa do autor? Como esse LúCIFER villieriano, portador da luz, apodera-se da ciência para criticar o pensamento racional, declara guerra à realidade visível e entra no mundo dos sonhos para tornar-se “o exorcista do real e o porteiro do ideal”?

**Palavras-chave:** Villiers de l'Isle-Adam; *Tribulat Bonhomet*; Simbolismo; Mito; LúCIFER.

### 1. Introdução

Baudelaire, Edgar Poe e Villiers de l'Isle-Adam são três temperamentos ao mesmo tempo líricos e misticadores; os três têm o gosto do humor macabro impelido ao exagero e ao qual eles misturam estranhamente aquela poesia do mistério que existe neles. Espantar, inquietar, aterrorizar, arrastar o leitor em uma sombria atmosfera de pavor, é simplesmente, para eles, transpor no domínio literário a tendência que eles têm à farsa sinistra. Divertimento satânico de poeta, poesia do medo, do qual o público gosta do *frisson* sem, contudo, correr perigos, ali eles encontram a satisfação de sua dupla e contraditória natureza de sonhadores e zombadores. (DAIREAUX, 1936, p. 372, tradução nossa).<sup>1</sup>

A coletânea de Villiers de l'Isle-Adam (1838-1889), *Tribulat Bonhomet* (1986, t.II, p. 129-232), é composta por cinco narrativas que têm como herói comum a personagem cujo

---

<sup>1</sup>«Baudelaire, Edgar Poe, Villiers de l'Isle-Adam, sont trois tempéraments à la fois lyriques et mystificateurs; tous trois, ils ont le goût de l'humour macabre poussé jusqu'à l'outrance et auquel ils mêlent étrangement cette poésie du mystère qui est en eux. Étonner, inquiéter, terrifier, entraîner le lecteur dans une sombre atmosphère d'épouvante, c'est simplement, pour eux, transposer dans le domaine littéraire cette tendance à la farce sinistre qu'ils ont. Divertissement satanique de poète, poésie de la peur, dont le public aime le frisson sans danger, ils y trouvent la satisfaction de leur double et contradictoire nature de rêveurs et de railleurs». (DAIREAUX, 1936, p. 372).

nome Villiers escolheu para título da coleção. «*Claire Lenoir*» (p. 145-221), dividida em vinte capítulos, é o conto mais longo e situa-se no centro, enquadrado por quatro histórias breves: «*Le tueur de cygnes*» (p. 133-136), «*Motion du Dr. Tribulat Bonhomet touchant l'utilisation des tremblements de terre*» (p. 137-140) e «*Le banquet des éventualistes*» (p.141-144) antecedem a célebre peça motriz; e «*Les visions merveilleuses du Dr. Tribulat Bonhomet*» (p. 222-226) é apresentada em epílogo da obra. O autor acrescenta ainda um apêndice composto por três textos: «*Anecdotes et aphorismes*», «*Fragments de mémoires*» (p. 227-231) e sua «*Profession de foi*» (p. 232).

A reunião dos textos que compõem a obra é complexa e as variantes do conto central são muitas. Publicada pela primeira vez em 1867, na *Revue des Lettres et des Arts*, «*Claire Lenoir*» foi muito bem acolhida pelos amigos parnasianos de Villiers que representavam, na época, a vanguarda do movimento literário posterior, o Simbolismo. Em 1867, *Histoires moroses* era o subtítulo que reunia «*Claire Lenoir*» e «*L'Intersigne*», histórias que, da mesma maneira que várias outras reunidas em *Contes cruels*, transmitem sua contrariedade em relação à base materialista na qual se apoia a sociedade burguesa, representam uma reação contrária ao Positivismo e expressam sua desesperança com relação aos avanços da ciência (RAITT ET AL,1986).

«*Claire Lenoir*», vinte anos após sua primeira edição, foi recolhido em *Tribulat Bonhomet* ao lado das quatro histórias referidas anteriormente. Sua composição remonta, entretanto, a 1866, ocasião em que Villiers declara em uma carta de 11 de setembro endereçada a seu amigo Mallarmé que o então denominado romance «*Claire Lenoir*» estava concluído (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM apud BOLLERY, 1962, t.I). É na mesma carta que Villiers confessa ao amigo a influência em seus escritos da estética do contista americano Edgar Allan Poe e, nela, também deixa expressa sua firme intenção de satirizar e criticar os burgueses acima da mordaz pintura de Daumier (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM apud BOLLERY, 1962, t.I, p. 99, grifo do autor):

O fato é que farei do burguês, se Deus me der vida, o que Voltaire fez dos 'clérigos', Rousseau dos cavalheiros e Molière dos médicos. Parece que tenho o dom do grotesco do qual eu não suspeitava. Enfim, nós riremos um pouco. Disseram-me que Daumier os adulava servilmente na mesma proporção. E naturalmente, eu pareço amá-los e elevá-los às nuvens, matando-os como galinhas. Você verá meus tipos, Bonhomet, Finassier et Lefol: eu os enamoro e os burilo com toda minha complacência. Em suma, eu creio ter encontrado o ponto vulnerável e será inusitado. (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM apud BOLLERY, 1962, t.I, p. 99, grifo do autor, tradução nossa).<sup>2</sup>

É, realmente, em «*Claire Lenoir*» que Villiers se coloca deliberadamente a imitar Poe. É o momento em que o escritor se encontra maduro e no qual tomará o caminho que deverá seguir, ou seja, Poe o conduz ao exercício do conto e é dele que Villiers extrai a ideia de empregar o medo como um dos principais efeitos para o gênero. Villiers abandona a tradição

<sup>2</sup> «*Le fait est que je ferai du bourgeois, si Dieu me prête vie, ce que Voltaire a fait des 'cléricaux', Rousseau des gentilshommes et Molière des médecins. Il paraît que j'ai une puissance de grotesque dont je ne me doutais pas. Enfin nous rirons un peu. On m'a dit que Daumier les flattait servilement en comparaison. Et naturellement, moi j'ai l'air de les aimer et de les porter aux nues, en les tuant comme des coqs. Vous verrez mes types, Bonhomet, Finassier et Lefol: je les enamore et les cisèle avec toute ma complaisance. Bref, je crois que j'ai trouvé le défaut de la cuirasse et que ce sera inattendu.*»(VILLIERS DE L'ISLE-ADAM apud BOLLERY, 1962, t.I, p. 99, grifo do autor).

romântica do conto fantástico e constrói seus contos associando insolitamente o bizarro e o extraordinário, o humor e o medo.

«*Claire Lenoir*» constitui sua maior invenção resultante dessa combinação. A engenhosidade poeana associada ao romantismo frenético de Villiers transforma um conto baseado em um simples adultério em um espetáculo de horror (PRAZ, 290, 1996):

A combinação da engenhosidade especulativa de Poe com o romantismo frenético francês induz Villiers a invenções maquinosas como *Claire Lenoir* (*Revue des Lettres et des arts*, outubro de 1867, depois publicada em 1887 com o título de *Tribulat Bonhomet*), conto centrado num simples adultério, para concluir com um espetáculo de horror de superar o mais dissoluto Poe: Bonhomet, introduzindo monstruosas sondas nas pupilas de Claire já morta, avista claramente refletido, como numa placa fotográfica, o quadro do marido (reencarnado vampiricamente num pirata da Polinésia, um “Ottysor-vampiro”) brandindo a cabeça decepada do amante, enquanto acompanha o gesto com um inaudível canto de guerra!

Mesmo que Villiers, a partir das influências de Baudelaire, tenha produzido poemas em prosa e tenha se aproximado do gênero em questão, isto é, o conto, o empréstimo evidente que faz junto a Poe diz respeito à forma: «*Claire Lenoir*» é seu primeiro conto. Tocado pela originalidade e estranheza de Poe, Villiers o seguirá buscando o novo e o singular. Raitt (1986) ressalta que até então Villiers empregara temas românticos como a melancolia, a tristeza, a admiração, a agitação e a cólera, ao passo que, em «*Claire Lenoir*», o efeito procurado é outro, é o do terror. Preocupa-se agora com a evocação do medo, o qual utiliza com o intuito de abalar os leitores e convencê-los da realidade que narra. Na obra de Villiers, o tema do medo é trabalhado de forma extraordinária, pois em seu desenvolvimento emprega o aparato científico, grandes considerações filosóficas, movimentos como o Espiritismo e o Magnetismo, entre outros: meios que conduzem o medo a fins metafísicos, filosóficos e literários.

No que se refere ao humor, Villiers conta com as influências de Baudelaire e também com os escritos humorísticos de Gautier, mas, sem dúvida, seu uso entrelaçado ao terror é herança de Edgar Allan Poe, o que, a partir de «*Claire Lenoir*» e que culminará em *L'Ève future*, constrói-se em bases que parecem solidamente científicas. No mais, como Poe, ele também se interessa pelo sobrenatural porque este pode nos mostrar o segredo do que se encontra após a morte.

## 2. Tribulat Bonhomet: Lúcifer villieriano

As considerações apresentadas neste estudo resultam das primeiras análises empreendidas no conto mais longo da coletânea, “*Claire Lenoir*”, cuja síntese tomamos emprestada da célebre personagem Des Esseintes de *À rebours*, de Joris-Karl Huysmans (p.217, 1978, tradução nossa):

Publicada, em 1867, na *Revue des lettres et des arts*, essa Claire Lenoir abria uma série de novelas reunidas sob o título genérico de ‘*Histoires moroses*’. Sobre um fundo de especulações obscuras emprestadas do velho Hegel, agitavam-se seres esfacelados, um doutor Tribulat Bonhomet, solene e pueril, uma Claire Lenoir, bizarra e sinistra, com os óculos azuis redondos, e grandes como moedas, que cobriam seus olhos quase mortos.

Essa novela girava em torno de um simples adultério e concluía com um pavor indescritível, enquanto Bonhomet, escancarando as pupilas de Claire em seu leito de morte, e penetrando-as com monstruosas sondas, percebia distintamente refletido o quadro do marido que empunhava, em seus braços, a cabeça cortada do amante, bramindo, tal qual um Kanak, um canto de guerra.

Baseado na informação mais ou menos justa de que os olhos de certos animais, das vacas, por exemplo, conservam até a decomposição, como placas fotográficas, a imagem dos seres e das coisas situadas, no momento em que expiram, sob seu último olhar, esse conto derivava evidentemente de Edgar Poe, do qual ele adaptava a minuciosa discussão e o terror.<sup>3</sup>

Entrelaçada de discussões filosóficas, a história é relativamente simples. O Doutor Bonhomet narra, como um relato científico, uma assustadora história que abalou todas as suas convicções materialistas. Durante um cruzeiro, Sir Henry Clifton, jovem oficial da marinha, deixa entender que tem um caso amoroso com uma mulher casada, Claire Lenoir que Bonhomet conhece e deve, justamente, visitar em Saint-Malo. Desembarcando, ele vai até a casa de Claire que mora com seu marido, Césaire, médico também. No decorrer de uma longa conversa, ele revela suas opiniões ridículas sobre literatura e música, opondo assim seus julgamentos carregados de senso comum ao idealismo e espiritualidade do casal. Alguns dias mais tarde, Césaire morre em função de um tratamento prescrito por Bonhomet. Um ano depois, Tribulat Bonhomet fica sabendo que Henry Clifton morreu, assassinado por um bando de piratas da Polinésia chamados “Ottysors”. Ele assiste a agonia de Claire que vê o fantasma de seu marido empunhando uma faca de pedra. Após a morte da jovem mulher, o doutor Bonhomet decide analisar suas pupilas com a ajuda de um oftalmoscópio e descobre nelas o reflexo de um “pirata-Ottysor” que na verdade tem os traços de Césaire Lenoir, erguendo em direção a um abismo a cabeça de Henry Clifton.

Inventor de magníficas quimeras e crítico feroz do Positivismo, o autor de *Tribulat Bonhomet* abomina o burguês cujos valores repousam sobre o lucro e o progresso. É a partir de *Claire Lenoir* que podemos entender o conflito que atravessa toda sua obra. Tribulat Bonhomet, homem de ciência e arauto do *Bon Sens*, depara-se, como vimos anteriormente, frente ao desconhecido: sarcasticamente, vemos, de um lado, o saber positivista, que se limita à superfície das coisas e, de outro, o conhecimento autêntico, de que as investigações e cálculos estreitos da ciência de tempos pretensamente iluminados não conseguem dar conta.

Essa personagem arquetípica é, sem dúvida, sua caricatura mais vingativa e ao mesmo tempo mais trágica. Este estudo quer investigar a essência dessa personagem, reconhecida por inúmeros críticos da obra villieriana como arquétipo supremo do burguês. Bonhomet apresenta-se, de fato, como materialista, adepto do progresso científico:

<sup>3</sup> «Parue, en 1867, dans la *Revue des lettres et des arts*, cette Claire Lenoir ouvrait une série de nouvelles comprises sous le titre générique d'«Histoires moroses». Sur un fond de spéculations obscures empruntées au vieil Hegel, s'agitaient des êtres démantibulés, un docteur Tribulat Bonhomet, solennel et puéril, une Claire Lenoir, farce et sinistre, avec les lunettes bleues rondes, et grandes comme des pièces de cent sous, qui couvraient ses yeux à peu près morts.

Cette nouvelle roulait sur un simple adultère et concluait à un indicible effroi, alors que Bonhomet, déployant les prunelles de Claire, à son lit de mort, et les pénétrant avec de monstrueuses sondes, apercevait distinctement réfléchi le tableau du mari qui brandissait, au bout du bras, la tête coupée de l'amant, en hurlant, tel qu'un Canaque, un chant de guerre.

Basé sur cette observation plus ou moins juste que les yeux de certains animaux, des boeufs, par exemple, conservent jusqu'à la décomposition, de même que des plaques photographiques, l'image des êtres et des choses situés, au moment où ils expiraient, sous leur dernier regard, ce conte dérivait évidemment de ceux d'Edgar Poe, dont il s'appropriait la discussion pointilleuse et l'épouvante.» (HUYSMANS, p. 217, 1978).

Começo a me tranquilizar e a reconhecer que o Progresso não é um sonho, que ele penetra o mundo, ilumina-o e, finalmente, eleva-nos em direção a esferas de escolhas, únicas dignas dos impulsos mais disciplinados de nossas inteligências. Para as pessoas de entendimento, hoje, isso não se discute mais.” (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t.II, p. 150, tradução nossa).<sup>4</sup>

Vemos, ainda, o próprio Doutor Bonhomet se autodenominar arquétipo de seu século: “*Eu mesmo já tenho a fisionomia de meu século, do qual eu posso acreditar ser o ARQUÉTIPO.* Resumindo, eu sou doutor, filantropo e homem do mundo.”<sup>5</sup> (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t.II, p. 148, grifos do autor, tradução nossa).

Gravidade e escárnio são uma constante no modo como Villiers de l’Isle-Adam trata os mesmos assuntos e constituem um verdadeiro paradoxo em sua escritura. A obra *Tribulat Bonhomet* é cerne, talvez, de toda a produção do autor e a personagem central da coletânea, *Tribulat Bonhomet*, encarna o ápice dessa aparente contradição.

Como ressalta Bourre (2002), é importante lembrar que sendo o burguês a figura mais abominada pelo autor é natural que a personagem esteja sempre presente em suas obras. Mas, pela leitura dos escritos de Villiers, é possível afirmar que Bonhomet não seria um burguês, mas sim um duplo metafísico do autor. Essa entidade luciferiana apresenta-se como um transgressor da realidade e, em suas antífrases, vemos emergir o idealismo do autor e uma realidade visionária:

O que é importante constatar, é que o espírito de *análise, de ampliações microscópicas, de exame minucioso* é de tal modo a essência de minha natureza, que toda a alegria de viver fica reservada para mim na classificação precisa dos mais insignificantes besouros, na visão dos emaranhados bizarros, semelhantes a uma escritura antiga, que apresentam os nervos do inseto, no fenômeno do encurtamento dos horizontes, que ficam imensos dependendo das proporções da retina onde eles se refletem!... A realidade torna-se então visionária – e eu sinto que, com o microscópio à mão, eu entro igualmente no domínio dos Sonhos!...<sup>6</sup> (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t.II, p. 148, grifos do autor, tradução nossa).

Com frequência, como observamos no excerto anterior, Villiers emprega o discurso científico – vocabulário, procedimentos e experiências – para exprimir ao mesmo tempo repulsa e fascinação pelo progresso e pela própria ciência. Seu texto nutre-se das pretensões progressistas e científicas do discurso positivista para lembrar que a ciência está longe de tudo explicar. Se não fosse assim, como poderia o Doutor Bonhomet, com o microscópio à mão, adentrar o mundo dos sonhos. Da mesma maneira, poderia um burguês ter essa conduta?

<sup>4</sup> «*Je commence à me rassurer et à reconnaître que le Progrès n'est pas un rêve, qu'il pénètre le monde, l'illumine et, finalement, nous élève vers des sphères de choix, seules dignes des élans mieux disciplinés de nos intelligences. Cela ne fait plus question, aujourd'hui, pour les gens de goût.*» (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t.II, p. 150).

<sup>5</sup> «*À moi seul j'ai la physionomie de mon siècle, dont j'ai lieu de me croire l'ARCHÉTYPE. Bref, je suis docteur, philanthrope et homme du monde.*» (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t.II, p. 148, grifos do autor).

<sup>6</sup> «*Ce qu'il est important de constater, c'est que l'esprit d'analyse, de grossissement, d'examen minutieux est tellement l'essence de ma nature, que toute la joie de vivre est confinée pour moi dans la classification précise des plus chétifs ténébrions, dans la vue des enchevêtrements bizarres, pareils à une écriture très ancienne, que présentent les nerfs de l'insecte, dans le phénomène du raccourci des horizons, qui demeurent immenses selon les proportions de la rétine où ils se reflètent!... La réalité devient alors visionnaire—et je sens que, le microscope à la main, j'entre de plain-pied dans le domaine des Rêves!...*» (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t.II, p. 148, grifos do autor).

Villiers coloca em jogo o idealismo e o materialismo em suas obras, como constatamos em *L'Ève Future*: “Um embate estava proposto, cuja estratégia era, cientificamente, um espírito.”<sup>7</sup> (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t.I, p.838, tradução nossa).

Ou ainda em “*Véra*”:

Ali, os dois amantes enterraram-se no oceano destas alegrias lânguidas e perversas nas quais o espírito se une à carne misteriosa! Esgotaram a violência dos desejos, os estremecimentos e as ternuras intensas. Tornaram-se o batimento do ser, um do outro. Neles, o espírito penetrava tão bem o corpo, que suas formas lhes pareciam intelectuais, e que os beijos, malhas ferventes, os encadeavam em uma fusão ideal. Longo deslumbramento. (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t.I, p.555- 556, tradução nossa).<sup>8</sup>

Em «*Claire Lenoir*», a estratégia empregada é dupla. De um lado, Claire e seu marido aparecem como os arautos do idealismo villieriano, sonhadores que expressam sua busca pelo Ideal e Absoluto: “Aliás, Claire, a bela Claire, era, se não me falha a memória, uma mulher de recolhimento e de estudos: uma metafísica, que sei? Uma sábia! Uma criatura impossível! Uma extasiada! Uma contestadora! Uma eloquente declamadora! Uma sonhadora.”<sup>9</sup> (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t.II, p.158, tradução nossa).

Por outro, Bonhomet, sob a carapaça de um ascético burguês, deixa entrever em seu discurso as luzes de um verdadeiro Lúcifer: “Eu compilei as nomenclaturas de todos meus antecessores, *aqui não é o lugar* para se alongar sobre as luzes que creio ter trazido; a posteridade dará seu veredicto a esse respeito, se eu jamais o compartilhar.”<sup>10</sup> (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t.II, p.148, grifos do autor, tradução nossa).

É importante lembrar que para as tradições herméticas, Satanás é outro nome atribuído a Saturno enquanto materialização do Espírito e Bonhomet parece ser “o Espírito involuindo-se, caindo na matéria, a queda de Lúcifer, o portador da luz”. (SENARD APUD CHEVALIER, 1991, p. 805).

Também,

[o] mito de Satanás resume todo o problema do que denominamos o mal, que não passa de um monstro netuniano. A sua existência, totalmente relativa à ignorância humana, é apenas um desvio da luz primordial que, sepultada na matéria, envolta na obscuridade e refletida na desordem da consciência humana, tende constantemente a aparecer. No entanto, esse desvio, pelos sofrimentos que acarreta, pode ser o meio de reconhecer a verdadeira hierarquia de valores e o ponto de partida da transmutação da

<sup>7</sup> «*Une partie était proposée, dont l'enjeu était, scientifiquement un esprit*». (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t.I, p.838).

<sup>8</sup> «*Là, les deux amants s'ensevelirent dans l'océan de ces joies languides et perverses où l'esprit se mêle à la chair mystérieuse! Ils épuisèrent la violence des désirs, les frémissements et les tendresses éperdues. Ils devinrent le battement de l'être l'un de l'autre. En eux, l'esprit pénétrait si bien le corps, que leurs formes leur semblaient intellectuelles, et que les baisers mailles brûlantes, les enchaînaient dans une fusion idéale. Long éblouissement!*» (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t.I, p.555-556).

<sup>9</sup> «*D'ailleurs, Claire, la belle Claire, était, si ma mémoire ne m'abusait pas, une femme de recueillement et d'étude: une métaphysicienne, que sais-je? Une savante! Une créature impossible! Une extatique! Une ergoteuse! Une phraseuse! Une rêveuse.*» (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t.II, p.158).

<sup>10</sup> «*J'ai compilé les nomenclatures de tous mes devanciers. Non est hic locus de s'appesantir sur les lumières que j'ose croire y avoir apportées; la postérité délivrera son verdict à ce sujet, si jamais je lui en fais part.*» (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t.II, p.148, grifos do autor).

consciência que, em seguida, torna-se capaz de refletir, de modo puro a Luz original. (SENARD, apud CHEVALIER, 1991, p. 805).

O próprio Bonhomet apresenta-se como um saturnino:

Fisicamente, eu sou o que, no vocabulário científico chamam de: 'um saturnino da segunda fase.' Eu tenho estatura elevada, ossuda, curvada, mais por fadiga que por excesso de reflexão. O ovalado atormentado de meu rosto proclama tablaturas, projetos; - sob espessas sobrancelhas, dois olhos cinzas, onde brilham, em suas cavidades, Saturno e Mercúrio, revelam alguma sagacidade. Minhas têmporas são luminosas no alto: isso denuncia que sua pele morta não bebe mais das convicções dos outros: sua provisão está feita. - Elas se afundam, nos lados da cabeça, como as dos matemáticos. Têmporas côncavas, crisóis! Elas destilam as ideias até meu nariz que as julga e que decide.<sup>11</sup> (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t.II, p.146, tradução nossa).

Villiers interessava-se pela fisiognomonia, a arte de conhecer o caráter dos indivíduos pela fisionomia, Bonhomet, ao descrever-se fisicamente, revela traços de seu caráter:

Meu nariz é grande, - de uma dimensão até mesmo considerável, - é um nariz ao mesmo tempo invasor e vaporizador. Ele curva-se, de súbito, em direção ao ambiente, como a planta do pé, - o que em qualquer outro indivíduo que não eu, assinalaria para certa sombria monomania. Eis, então, porque o Nariz é a expressão das faculdades do raciocínio no homem; é o órgão que precede, que ilumina, que anuncia, que sente e que indica. O nariz visível corresponde ao nariz impalpável, que todo homem carrega consigo quando vem ao mundo. Se, portanto, na extensão de um nariz, alguma parte se desenvolve, imprudentemente, em detrimento das outras, ela corresponde a alguma lacuna de julgamento, a algum pensamento instigado em detrimento dos outros. Os cantos da minha boca serrada e pálida têm as dobras de um lençol funerário. Ela está bem próxima do nariz para receber conselhos antes de discorrer impensadamente e, como diz o provérbio, antes de falar feito uma gralha.<sup>12</sup> (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t.II, p.146-147, tradução nossa).

<sup>11</sup> «*Physiquement, je suis ce que, dans le vocabulaire scientifique, on appelle: «un Saturnien de la seconde époque.» J'ai la taille élevée, osseuse, voûtée, plutôt par fatigue que par excès de pensée. L'ovale tourmenté de mon visage proclame des tablatures, des projets;—sous d'épais sourcils, deux yeux gris, où brillent, dans leurs caves, Saturne et Mercure, révèlent quelque pénétration. Mes tempes sont luisantes à leurs sommets: cela dénonce que leur peau morte ne boit plus les convictions d'autrui: leur provision est faite.—Elles se creusent, aux côtés de la tête, comme celles des mathématiciens. Tempes creuses, creusets! Elles distillent les idées jusqu'à mon nez qui les juge et qui prononce.»* (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t.II, p.146).

<sup>12</sup> «*Mon nez est grand,—d'une dimension même considérable,—c'est un nez à la fois envahisseur et vaporisateur. Il se busque, soudain, vers le milieu, en forme de cou-de-pied,—ce qui, chez tout autre individu que moi, signalerait une tendance vers quelque noire monomanie. Voici pourquoi: le Nez, c'est l'expression des facultés du raisonnement chez l'homme; c'est l'organe qui précède, qui éclaire, qui annonce, qui sent et qui indique. Le nez visible correspond au nez impalpable, que tout homme porte en soi en venant au monde. Si donc, dans le cours d'un nez, quelque partie se développe, imprudentement, au préjudice des autres, elle correspond à quelque lacune de jugement, à quelque pensée nourrie au préjudice des autres. Les coins de ma bouche pincée et pâle ont les plissements d'un linceul. Elle est assez rapprochée du nez pour en prendre conseil avant de discourir à la légère et, suivant le dicton, comme une corneille qui abat des noix.»* (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t.II, p.146-147).

Esse herói satânico, paradoxalmente, exprime este aforismo: “Minhas ideias religiosas limitam-se a esta absurda convicção que Deus criou o Homem e vice-versa.”<sup>13</sup> (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t.II, p.149).

Contraditório, de fato, o Doutor Bonhomet, que ao mesmo tempo nega ter medo de fantasmas, mas evita os cemitérios e lugares sombrios:

Quanto aos *fantasmas*, sou pouco supersticioso; não sou levado pelas insignificantes futilidades dos *intersignos*, como tantos desajuizados, e não acredito nas macaquices dos mortos; contudo, aqui entre nós, não gosto dos cemitérios nem dos lugares por demais sombrios – nem das pessoas que exageram!... Sou simplesmente um pobre velho, mas se Plutão me tivesse feito nascer nos degraus de um trono, e se bastasse, agora, apenas uma palavra minha para que se produzisse a perfeita carnificina de todos os fanáticos, eu a pronunciaria, eu sinto isso, ‘descascando uma fruta’, como diz o poeta.<sup>14</sup> (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t.II, p.149, grifos do autor, tradução nossa).

Como Lúcifer, portador da luz, ele quer desvendar os segredos do invisível pelos meios técnicos: “Sim, destinei os frutos maduros [dos suores seculares de meus ancestrais] à compra de lentes e aparelhos que colocam a nu os arcanos de um mundo momentaneamente invisível!”<sup>15</sup> (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t.II, p.148).

Ele não aparece como um burguês enraizado, preocupado com seus bens materiais, mas como um andante, um homem do mundo, sempre em missão, como o judeu errante Asaverus de Edgar Quinet (1833):

Rivalizo com os velhos de romance pela preciosa delicadeza e pela deliciosa brancura de meus lençóis; tenho a honra de possuir os mesmos pés que o rei Carlos Magno em minhas botas Souwaroff, com as quais eu desprezo o solo; tenho quase sempre minha valise à mão, pois eu viajo mais que Asaverus.<sup>16</sup> (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t.II, p.147-148, tradução nossa).

Até mesmo seu cartão de visita aponta para a figura de um nômade, um prometeu de seu século. Deslocando-se com seu aparato científico, ele parte em busca de outras realidades:

“LE DOCTEUR  
TRIBULAT BONHOMET  
EUROPE” (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t.II, p.148).

<sup>13</sup> «*Mes idées religieuses se bornent à cette absurde conviction que Dieu a créé l’Homme et réciproquement.*» (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t.II, p.149).

<sup>14</sup> «*Quant aux fantômes, je suis peu superstitieux; je ne donne pas dans les insignifiantes balivernes des intersignes, à l’instar de tant d’hurluberlus, et je ne crois pas aux singeries frivoles des morts; entre nous, cependant, je n’aime pas les cimetières ni les lieux trop sombres—ni les gens qui exagèrent!... Je ne suis qu’un pauvre vieillard, mais si Pluton m’avait fait naître sur les marches d’un trône, et s’il suffisait, à présent, d’un mot de moi pour que s’opérât le parfait carnage de tous les fanatiques, je le prononcerais, je le sens, «en pelant un fruit», comme dit le poète.*» (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t.II, p.149, grifos do autor).

<sup>15</sup> «*Oui, j’ai consacré les fruits mûrs [des sueurs séculaires de mes ancêtres] à l’achat des lentilles et des appareils qui mettent à nu les arcanes d’un monde momentanément invisible!*» (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t.II, p.148, tradução nossa).

<sup>16</sup> «*Je rivalise avec les vieillards de roman pour la précieuse finesse et la délicieuse blancheur de mon linge; j’ai l’honneur de posséder les pieds mêmes du roi Charlemagne dans mes bottes Souwaroff, avec lesquelles je méprise bien le sol; j’ai presque toujours ma valise à la main, car je voyage plus qu’Ashavérus.*» (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t.II, p.147-148).



Claire Lenoir também o descreve como um ser de luz, mas contraditório, porque obscuro: “Há seres assim compostos que até mesmo entre fachos de luz, não conseguem deixar de ser obscuros. São almas densas e profanadoras, revestidas de acaso e de aparências, e que permanecem, encerradas, no sepulcro de seus sentidos mortais”.<sup>17</sup> (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t.II, p.169).

Finalmente, poderíamos também aproximá-lo da figura de Baphomet<sup>18</sup> do ocultista Eliphas Levi. Como não pensar em uma correspondência tendo em vista ainda o jogo que se pode estabelecer entre os nomes Bonhomet e Baphomet. A contradição observada na enigmática personalidade do Doutor Bonhomet pode ser associada à legendária figura do ocultista francês. Baphomet, dependendo das versões, é representado como um bode ou um humano, com grandes orelhas, asas e chifres e muito se assemelha à figura do diabo da mitologia cristã.

Muitas são as interpretações dessa figura e o abade Constant, Eliphas Levi, em seu livro *Dogme et rituel de la haute magie*, apresenta-a como uma imagem panteísta e mágica do absoluto. Para o ocultista, a chama representaria a inteligência, a cabeça corresponderia à responsabilidade de matéria e à expiação dos pecados carnavais, as mãos humanas, símbolos do trabalho, uma voltada para o alto e outra para baixo, poderiam representar o aforisma “o que está em cima é igual ao que está abaixo”. (LE BAPHOMET).

### 3. Conclusão

Villiers compartilhava com os simbolistas muitas de suas posições, como por exemplo, a hostilidade para com a literatura popular do Segundo Império e do início da Terceira República: para ele, o gosto do público estava totalmente corrompido e denotava a pobreza de espírito dos homens do seu século. Assim, acreditava na ideia dos “poetas malditos” para os quais o fracasso de um autor representava, ao contrário, uma prova de seu grande valor. Villiers detestava tudo o que representava o superficial e o sentimental desse tipo de literatura e, para ele, bem como para tantos simbolistas, a arte tinha como objetivo “*faire penser*”, como ilustra a divisa de sua *Revue des Lettres et des Arts*, o essencial era o culto das ideias.

Mesmo que no início de sua carreira Villiers estivesse mais preocupado com a criação estética, ele considerava que o mais relevante era a genialidade. Suas crenças mais profundas ligavam-se à vida eterna, isto é, a sua sede de espiritual, sua busca pelo Ideal. Compartilhava, é verdade, com os simbolistas, a ideia do artista original, daquele que deve buscar o novo, o excepcional; o artista não pode ser apenas conduzido pela inspiração, seu trabalho deve ser determinado também pela razão e pelas ações do intelecto. Mesmo que tais pensamentos representem fidelidade aos ideais de Mallarmé e de muitos simbolistas, Villiers retoma também elementos da estética de Poe e de Baudelaire.

A narrativa “*Claire Lenoir*” é complexa tendo em vista que o autor amálgama de forma densa episódios impressionantes, como o assassinato de Sir Henry Clifton pelos “Ottysors”, a morte de Césaire Lenoir, ou a constatação pelo Doutor Bonhomet da imagem aterrorizante impressa na retina de Claire, a reflexões sobre os estranhos acontecimentos que ocorrem fora do mundo aparente e sobre o que ele julga ser o verdadeiro conhecimento

<sup>17</sup> «*Il est des êtres ainsi composés que même au milieu des flots de lumière, ils ne peuvent cesser d’être obscurs. Ce sont les âmes épaisses et profanatrices, vêtues de hasard et d’apparences, et qui passent, murées, dans le sépulcre de leurs sens mortels.*» (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t.II, p.169).

<sup>18</sup> Ver anexo A.

humano: O que são exatamente o ser e o divino? O que representam vida e morte? O que é de fato o *au-delà*?

Como ressaltamos anteriormente, a obra inicia-se por uma história de traição amorosa, prolonga-se em discussões metafísicas e encerra-se por visões de horror inspiradas no contista americano Edgar Allan Poe, assim, Villiers parece querer instigar o leitor – a se considerar, aqui, mais uma vez a divisa da *Revue des Lettres et des Arts* da qual Villiers era o editor chefe: “*faire penser*” – a se colocar questões essenciais da existência humana e as quais o Positivista triunfante ignora. Nesse sentido, as três personagens desse longo conto villieriano – Bonhomet, Monsieur Lenoir e Madame Lenoir – experimentam essas questões de forma diversa e estranha; e, Bonhomet, por sua vez, aparece como um caso particular, como um instrumento do qual o autor faz uso para ilustrar as asneiras e a mesquinhez de sua época.

Em suas obras, com genialidade e imaginação poética, Villiers expressa seus sonhos e ideais: para tanto se serve de suas personagens para conduzir o leitor ao reconhecimento de tudo o que julga ser mais vil e banal no mundo real, visível. Ele quer, ainda, instigá-lo a sair das trevas do pensamento positivista e partir em busca da Beleza e da Luz que estariam no “*AU-DELÀ*”.

#### 4. Referências

BOLLERY, Joseph (Ed.). **Correspondance générale de Villiers de L’Isle-Adam et documents inédits**. Paris: Mercure de France, 1962. (Tomes I e II).

BOURRE, Jean-Paul. **Villiers de l’Isle-Adam: splendeur et misère**. Paris: Belles Lettres, 2002.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 5 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

DAIREAUX, Max. Les contes. In: \_\_\_\_\_. **Villiers de l’Isle-Adam: l’homme et l’œuvre avec des documents inédits**. Paris: Desclée de Brouwer & Cia éditeurs, 1936. p. 346-377.

HUYSMANS, Joris-Karl. **À Rebours**. Paris: Garnier-Flammarion, 1978.

LE BAPHOMET. Disponível em: <<http://www.esonews.com/symboles/baphomet.asp>>. Acesso em: 30 out. 2011.

PRAZ, Mario. **A carne, a morte e o diabo na literatura romântica**. Tradução Philadelpho Menezes. Campinas: Editora Unicamp, 1996

RAITT, Alan W. **Villiers de l’Isle-Adam et le mouvement Symboliste**. Paris: Librairie J. Corti, 1986.

VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, Auguste, comte de. **Œuvres Complètes**. Bibliothèque de la Pléiade. Paris: Éditions Gallimard, 1986. (Tomes I e II).

## Anexo A



*Baphomet segundo o abade Constant  
(Eliphas Levi)*

Disponível em:< <http://www.esonews.com/syboles/baphomet.asp>>.